



A DANÇA DO VENTRE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES DE GÊNERO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

BELLY DANCING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: DECONSTRUCTING GENDER STEREOTYPES AND VALUING CULTURAL DIVERSITY

LA DANZA DEL VIENTRE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: DECONSTRUYENDO LOS ESTEREOTIPOS DE GÉNERO Y VALORANDO LA DIVERSIDAD CULTURAL

Bruno Zem dos Reis • Daniel Teixeira Maldonado • Christiane Garcia Macedo

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a dança do ventre enquanto prática pedagógica no ensino da Educação Física escolar, compreendendo seus aspectos culturais, simbólicos e educativos, bem como seu potencial para promover reflexões críticas sobre gênero e diversidade. A metodologia adotada caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter ensaístico, fundamentada em produções acadêmicas, documentos oficiais e estudos recentes. Os referenciais utilizados indicam que a dança do ventre, quando tematizada e problematizada de forma crítica, contextualizada e pedagógica, amplia as experiências corporais dos(as) estudantes, favorece a participação, questiona estereótipos de gênero e contribui para a construção de uma Educação Física mais inclusiva e democrática. Conclui-se que a tematização dessa prática corporal no ambiente escolar fortalece o compromisso da Educação Física com a formação integral dos(as) educandos(as), promovendo o respeito às diferenças, a valorização cultural e a reflexão crítica sobre o corpo e a gestualidade humana.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Dança do Ventre; Gênero; Cultura Corporal; Diversidade Cultural.

Abstract

This study aims to investigate belly dance as a pedagogical practice in school Physical Education, examining its cultural, symbolic, and educational dimensions, as well as its potential to promote critical reflections on gender and diversity. The methodology adopted is characterized as qualitative research with an essay-based approach, grounded in academic literature, official documents, and recent studies. The benchmarks used indicate that the belly dance, when addressed and critically contextualized through pedagogical practices, broadens students' bodily experiences, encourages participation, challenges gender stereotypes, and contributes to the development of a more inclusive and democratic Physical Education. It is concluded that incorporating this bodily practice into the school environment strengthens Physical Education's commitment to the holistic development of students, promoting respect for differences, cultural appreciation, and critical reflection on the body and human movement.

Keywords: School Physical Education; Belly Dance; Gender; Physical Culture; Cultural Diversity.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar la danza del vientre como práctica pedagógica en la Educación Física escolar, comprendiendo sus aspectos culturales, simbólicos y educativos, así como su potencial para promover reflexiones críticas sobre género y diversidad. La metodología adoptada se caracteriza como una investigación de naturaleza cualitativa, de carácter ensayístico, fundamentada en producciones académicas y estudios recientes. Los puntos de referencia utilizados indican que la danza del vientre, cuando es tematizada y problematizada de manera crítica, contextualizada y pedagógica, amplía las experiencias corporales de los/as estudiantes, favorece la participación, cuestiona los estereotipos de género y contribuye a la construcción de una Educación Física más inclusiva. Se concluye que la tematización de esta práctica corporal en el ámbito escolar fortalece el compromiso de la Educación Física con la formación integral de los/as educandos/as, promoviendo el respeto por las diferencias, la valorización cultural y la reflexión crítica sobre el cuerpo y la gestualidad humana.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Danza del Vientre; Género; Cultura Corporal; Diversidad Cultural.





INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar, enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica, possui papel fundamental na formação integral dos(as) estudantes, contribuindo para o desenvolvimento físico, cognitivo, social, emocional e cultural. No entanto, historicamente, o ensino dessa disciplina tem sido marcado por uma abordagem tradicional, centrada predominantemente em práticas esportivas institucionalizadas, competitivas e, muitas vezes, excludentes, principalmente para os(as) educandos(as) considerados(as) menos capazes ou não aptos(as) (Carmen Lúcia Soares; Celi Nelza Zülke Taffarel; Elizabeth Varjal; Micheli Ortega Escobar *et al.*, 1992) (Nesse trabalho optamos por indicar nome completo de autoras em sua primeira vez no texto, com a intenção de combater a tendência machista de atribuir produções intelectuais automaticamente a homens). Tal modelo tende a reforçar estereótipos de gênero, padrões corporais hegemônicos e hierarquizações entre as práticas corporais, limitando as possibilidades de expressão e participação de todos(as) os(as) estudantes no contexto escolar.

Nesse cenário, observa-se no componente curricular a predominância dos esportes e das ginásticas, heranças de um passado militarista e médico, baseados na instrumentalização do corpo e na sua compreensão enquanto estruturas quase mecânicas utilizadas para o rendimento e a competitividade (Bracht, 1999), enquanto determinadas manifestações da cultura corporal, como danças advindas de diferentes contextos culturais e regionais, lutas indígenas e afro-brasileiras e jogos tradicionais, ocupam um lugar secundário nas aulas. Essa marginalização contribui com a reprodução de discursos hegemônicos que reforçam ideais brancos, masculinos e cristãos, desconsiderando outras possibilidades de tematização e problematização das práticas corporais (Santos; Neira, 2022), associando determinadas gestualidades a gêneros específicos e ignorando a pluralidade de identidades presentes no ambiente escolar.

A dança, enquanto linguagem corporal, artística e cultural, constitui-se como uma importante ferramenta pedagógica ampliando o conhecimento e as experiências corporais dos(as) estudantes por meio de manifestações rítmicas advindas de diferentes contextos culturais (Irla Karla dos Santos Diniz; Suraya Cristina Darido; Cinthia Andressa Araújo Fioravanti, 2013). Ao possibilitar a expressão de identidades, histórias, afetos, diversidades e resistências, a dança pode romper com a lógica exclusivamente esportivista e competitiva, promovendo uma relação mais crítica e reflexiva sobre estereótipos e preconceitos, e mais sensível a elementos simbólicos, históricos e identitários intrínsecos às manifestações corporais (Camilly dos Santos Oliveira; Maldonado, 2025). No entanto, mesmo dentro do tema “dança”, algumas modalidades continuam sendo estigmatizadas ou negligenciadas, como é o





caso da dança do ventre, frequentemente associada a estereótipos de gênero, sexualização do corpo feminino e preconceitos.

A dança do ventre, originária de contextos históricos e culturais do Oriente Médio e do Norte da África, apresenta-se como uma manifestação corporal rica em significados simbólicos, expressivos e culturais. Tradicionalmente vinculada ao entretenimento, rituais, celebrações e práticas sociais, essa prática corporal ultrapassa a visão simplificada e erotizada que frequentemente lhe é atribuída no senso comum (Sandra Aparecida Queiroz Kussunoki; Carmen Maria Aguiar, 2009). Contudo, no contexto da Educação Física escolar, essa manifestação cultural é pouco tematizada, e as produções acadêmicas que a abordam enquanto possibilidade pedagógica crítica são escassas. Isso pode se dar, especialmente porque a dança do ventre no Brasil está culturalmente associada ao feminino, o que reforça preconceitos e barreiras de gênero, limitando seu reconhecimento como um tema legítimo no âmbito da Educação Física, além de ter sua origem em contextos culturais pouco valorizados.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), de certa maneira, reforça a importância de trabalhar as práticas corporais em sua diversidade, reconhecendo-as como produções culturais que expressam valores, sentidos e identidades. Todavia, o referido documento não aprofunda as relações de gênero e sexualidade que atravessam manifestações culturais como as danças, podendo dificultar a realização de projetos educativos com essa temática na Educação Física escolar. A inserção da dança do ventre nas aulas de Educação Física pode contribuir para a construção de um ensino mais democrático, inclusivo e crítico, alinhado aos princípios da educação intercultural contemporânea (Candau, 2020). Essa proposta se torna ainda mais potente por conta da presença de representações hegemônicas de gênero, que se afirmam enquanto norma (Andreoli, 2010), e se manifestam de forma intensa nas práticas escolares.

As práticas corporais são marcadas por relações de gênero (Andreoli, 2010), comumente futebol, basquete e artes marciais são atividades associadas a meninos, enquanto danças, ginásticas e vôlei são direcionadas a meninas, reforçando uma divisão binária que desconsidera as múltiplas formas de explorar o corpo (Eustáquia Salvadora de Sousa; Helena Altmann, 1999). Essa lógica, além de limitar as experiências, contribui para processos de exclusão, constrangimento e desmotivação, especialmente entre aqueles(as) que não se identificam com os papéis de gênero socialmente impostos. Deveríamos então, buscar uma atuação mais inclusiva, que em uma perspectiva ampliada é compreendida quando os marcadores sociais contemporâneos de gênero, orientação sexual, classe, racialidade, etnia, deficiência,





idade, entre outros, são levados em consideração nos projetos educativos desenvolvidos pelos(as) docentes no cotidiano escolar (Michele Pereira de Souza da Fonseca; Brito, 2022).

Diante desse contexto, o objetivo deste estudo foi investigar a dança do ventre enquanto prática pedagógica no ensino da Educação Física escolar, compreendendo seus aspectos culturais, simbólicos e educativos, bem como seu potencial para promover reflexões críticas sobre gênero e diversidade. Para tanto, nossa pesquisa tem natureza qualitativa, de caráter ensaístico, fundamentada em produções acadêmicas, documentos oficiais e estudos sobre a temática, encontrados principalmente em revistas especializadas que publicam pesquisas sobre gênero, dança e Educação Física escolar, além de dissertações e teses disponíveis do catálogo de Capes.

CORPO, GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NAS PRÁTICAS CORPORAIS

A compreensão do corpo nas aulas de Educação Física não pode ser dissociada das construções sociais de gênero que permeiam a cultura e as interações humanas. O gênero aqui é compreendido como uma construção social e cultural, no qual “envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino” (Silvana Vilodre Goellner, 2010, p. 75), portanto, longe de ser uma característica biológica fixa, é um conjunto de normas, expectativas e representações socialmente produzidas, que influenciam diretamente as formas como os corpos são percebidos, exercitados e avaliados no ambiente escolar. Para Sousa e Altmann (1999) o gênero fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana, possibilitando perceber que para além de distinções biológicas entre sexos, existem diferenças que são social e culturalmente construídas, pois estão intimamente ligadas ao processo de educação dos sujeitos e construção de seus corpos.

No contexto do cotidiano escolar, por vezes, observa-se uma divisão binária implícita entre vivências consideradas “adequadas para meninos” e aquelas “mais apropriadas para meninas”, reforçando dicotomias rígidas que limitam o repertório de experiências dos(as) estudantes (Guacira Lopes Louro, 1997). Segundo Daniela Finco (2010), desde cedo, na Educação Infantil, os corpos já vão recebendo marcas de gênero baseadas nas expectativas da sociedade cis-heteronormativa em relação ao que é ser mulher ou homem. Essa segmentação pode desencorajar a participação de estudantes que não se encaixam nas normas de gênero esperadas para suas categorias sexuais atribuídas. Nesse cenário, tal dinâmica afeta





tanto a participação nas práticas esportivas e corporais, quanto a autoestima, o senso de pertencimento e a construção da identidade dos(as) educandos(as).

A Educação Física escolar reforça esses papéis (Maria do Carmo Saraiva, 2002), já que modalidades valorizadas por sua intensidade física ou competitividade tendem a ser associadas aos homens. Brito, Vanessa Silva Pontes e Pereira (2016, p. 179) definem o campo do esporte como “um espaço heterocentrado e generificado”, e que carrega marcas no qual conferem ao construto social cis-hétero do gênero masculino, como virilidade, força, agressividade e coragem, e rejeita aquilo que se aproxima do feminino.

Paula Silva, Paula Botelho-Gomes e Goellner (2012) em diálogo com diversos(as) autores(as), apontam como o ambiente escolar, ao trabalhar com o esporte, importa também o clima homofóbico que o permeia, e o configura enquanto uma vitrine para a virilidade, no qual jovens meninos exibem publicamente seu “estatuto masculino”. Isso influencia diretamente a participação de estudantes na vivência de práticas corporais diversificadas, dentro e fora da escola. Esse impacto pode manifestar-se em menores níveis de participação de meninas em atividades percebidas como fisicamente intensas, assim como em menor engajamento de meninos em práticas associadas à expressão artística ou ritmo corporal (Altmann; Eliana Ayoub; Emília Fernández Garcia; Elena Ramírez Rico; Soely Aparecida Jorge Polydoro, 2018; Aline Fernanda Ferreira; Rufino; Diniz; Darido, 2016).

Lívia Tenorio Brasileiro e Ana Aparecida Almeida de Souza (2019) destacam as dificuldades enfrentadas por professoras no trabalho com a dança nas aulas de Educação Física. Estudantes homens apresentam resistência na participação e discursos que escancaram preconceitos de gênero e sexualidade presentes no meio escolar. Uma das professoras entrevistadas relata que, ao trabalhar com dança, ouviu dos meninos que estava “selecionando homossexuais”, e que dança é coisa de quem está em dúvida de seu “sexo”. Rosa, Souza e Borges (2020) evidenciam em pesquisa de diário de campo que existe também uma separação dos espaços que os corpos masculinos e femininos frequentam.

As urbanistas Honorata Grzesikowska e Ewelina Jaskulska (2024) documentam a desigualdade de gênero na utilização de espaços escolares comuns por meio do mapeamento das movimentações de meninas e meninos, e concluem que os pátios, parques e quadras, são completamente dominados por meninos e crianças fisicamente mais fortes e mais ativas, enquanto meninas e grupos minoritários e menos ativos ocupam principalmente as bordas e os cantos.





Percebemos como a escola num todo exerce grande papel na normalização do domínio masculino dos espaços físicos e das aulas de Educação Física, resultando em diferenças significativas de interesse nas práticas corporais entre meninos e meninas (Altmann *et al.*, 2018) e influenciando os(as) professores(as) na seleção dos temas e conteúdos das aulas, como aponta Silva (2024, p. 17).

Muitos professores ainda organizam as suas práticas de acordo com aquilo que é mais “fácil”, a partir de uma leitura do que a turma prefere, pois consideram que assim a aula se desenvolverá de forma mais segura e que garantirá a adesão dos alunos e muitas vezes não percebendo a manutenção de um padrão de aula que perpetua a desigualdade e o reforço de estereótipos injustos.

Altmann *et al.* (2018) registram que meninos, além de se interessarem mais pelas aulas de Educação Física, praticam mais atividades físicas que meninas e entre as manifestações culturais experimentadas predomina o futebol. Todos esses fatores corroboram com a centralização das aulas do componente curricular em torno de esportes e o monopólio de um grupo específico.

Ao incorporar o debate sobre gênero no currículo de Educação Física, torna-se possível questionar essas expectativas normativas e abrir espaço para práticas corporais que acolham a diversidade de identidades e corpos presentes na escola. Nessa linha, destaca-se que as aulas do componente curricular devem ser entendidas enquanto um ambiente fértil para discutir e desconstruir padrões de gênero, sendo que, para alcançar esse objetivo, os(as) educadores(as) precisam ter conhecimento das teorias pedagógicas da área, refletir sobre sua postura, e estar preparados(as) para reconhecer e enfrentar preconceitos em suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, se faz necessário compreender como os padrões hegemônicos de gênero se manifestam nas práticas corporais e refletem nas percepções das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, para problematizar o papel da Educação Física na reprodução de desigualdades. Essas reflexões são fundamentais para professoras e professores desenvolverem práticas pedagógicas que promovam maior equidade e respeito à diversidade e que rompam com a normatividade cis-heterossexual. Isso inclui, por exemplo, a oferta de atividades que desafiem normas tradicionais e papéis de gênero, a utilização de linguagem inclusiva, a abordagem de diferentes percepções culturais acerca de corpo e gênero nas vivências da gestualidade humana e a criação de um ambiente de sala de aula acolhedor para todos(as) os(as) estudantes, independentemente de sua identidade de gênero.

A inserção de práticas corporais que questionem normas tradicionais, e criem espaço para a expressão corporal de todos(as), como a dança do ventre, pode ser parte dessa estratégia mais ampla de transformação pedagógica. Ao valorizar gestualidades culturalmente diversas e desvinculadas dos



estereótipos de gênero dominantes, a Educação Física escolar contribui para o fortalecimento da leitura crítica de mundo dos(as) educandos(as) e a construção de um ambiente educacional mais justo, inclusivo e sensível às múltiplas formas de ser e mover-se.

A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS E FORMATIVAS

Ao longo de sua trajetória no contexto educacional brasileiro, a Educação Física passou por diferentes concepções pedagógicas, refletindo os valores sociais, políticos e culturais de cada período histórico. Dessa forma, sua escolarização no século XIX e início do XX é marcada por construções machistas e racistas que foram sendo questionadas. O esporte disciplinar, competitivo e voltado para uma lógica capitalista também ganhou espaço, se tornando um tema hegemônico.

Diante das limitações desse modelo, emergiram, a partir da década de 1980, movimentos críticos no campo da Educação Física, impulsionados por reflexões pedagógicas, filosóficas, sociológicas e culturais, no qual voltaram-se a pensar acerca da necessidade de superar o paradigma dominante da aptidão físico-esportiva e apontar novas finalidades para a área do ponto de vista da função social da escola (Bracht, 1999). Essas reflexões permitiram o questionamento da centralidade do esporte e a defesa de uma Educação Física comprometida com a formação integral do sujeito, a democratização do acesso às práticas corporais e a valorização do corpo como construção social e cultural. Nesse contexto, ganha destaque o conceito de “cultura corporal”, que passa a orientar propostas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas (Soares *et al.*, 1992).

A dança, enquanto manifestação da cultura corporal, ocupa um lugar de destaque no campo da Educação Física escolar por sua capacidade de integrar aspectos expressivos, cognitivos, sociais e culturais da gestualidade humana. Do ponto de vista pedagógico, essa manifestação da cultura corporal possibilita a superação de modelos tradicionais de ensino da área, historicamente marcados pela centralidade do esporte e valorização do desempenho técnico. Assim, diferentemente de práticas corporais centradas exclusivamente no rendimento físico ou na competição, o corpo na dança se transforma em um agente criativo (Thais Baptista, 2018).

O trabalho com a dança na Educação Física escolar ultrapassa o desenvolvimento físico e se insere no campo da formação social dos(as) estudantes quando entendida como uma manifestação da cultura corporal. Nesse sentido, sua inserção nas aulas do componente curricular amplia as possibilidades pedagógicas, contribuindo para uma formação mais integral e inclusiva e se configurando como





possibilidade potente de acolhimento social, promovendo o respeito à diversidade, valorizando as identidades culturais e contribuindo para o rompimento de preconceitos historicamente construídos (Silva; María Margarita Villegas, 2022; Oliveira; Maldonado, 2025).

Oliveira e Maldonado (2025), em um estudo bibliográfico que explorou 37 experiências político-pedagógicas na Educação Física escolar, concluíram que o trabalho com danças regionais, populares, urbanas, tradicionais, oriundas de culturas negras, periféricas e LGBTQIAPN+, promoveu o fortalecimento do vínculo dos(as) estudantes com suas origens, a consolidação da autoestima, valorização de suas histórias, sentimento de pertencimento, respeito às diferenças, empatia, valorização de culturas e identidades, superação de preconceitos, conexão com o espaço escolar, e a livre expressão corporal sem se importar com padrões impostos, desconstruindo normas engessadas e ampliando sua compreensão sobre diversidade. As experiências analisadas pela autora e pelo autor trazem abordagens que contribuem para a democratização das aulas, reduzindo a lógica da comparação e da exclusão e promovendo a participação de educandos(as) com diferentes habilidades, corpos e vivências.

Relatos de experiência produzidos por professoras e professores da Educação Física escolar nos permitem conhecer inúmeras possibilidades interdisciplinares de tematizar a dança em articulação com conteúdos e questões socialmente relevantes. Problematicar danças com origem nas comunidades LGBTQIAPN+ pretas dos Estados Unidos permite discussões sobre preconceitos e o acesso à outras vozes (Lima; Müller, 2023); o forró enquanto tema da Educação Física possibilita problematizar relações de poder, estereótipos culturais e de gênero (Santos; Nunes, 2014). A interdisciplinaridade enriquece o processo de ensino-aprendizagem e amplia a compreensão dos(as) estudantes sobre o corpo como construção histórica e social, e não apenas como instrumento biomecânico de movimento.

Dessa forma, a dança configura-se como uma prática corporal de grande relevância pedagógica e formativa no contexto da Educação Física escolar. Ao ser trabalhada de maneira crítica e contextualizada, amplia as possibilidades educativas da disciplina, reconhece as formas plurais de se existir no mundo, fortalece o diálogo com a cultura corporal e cria condições para que práticas culturais advindas de diferentes contextos e tradições socioculturais, como a dança do ventre, sejam reconhecidas como temas legítimos e potentes no ambiente escolar (Oliveira; Maldonado, 2025).

Outro aspecto relevante da dança na Educação Física escolar refere-se à sua dimensão formativa no processo de relação entre os sujeitos. A dança se destaca enquanto um feito coletivo, historicamente ligado às representações das sociedades, e os(as) indivíduos que dançam, experimentam





das emoções, sentimentos e ações, constituindo-se como parte de um corpo geral (Cruz; Ana Gabriela Alves Medeiros, 2020). Essa prática contribui para o fortalecimento da autoestima, da percepção corporal e da convivência, uma vez que envolve cooperação, respeito mútuo e expressão de sentimentos. Assim, o(a) professor(a) pode criar um ambiente pedagógico que valoriza a escuta, o diálogo e o reconhecimento das diferenças, elementos fundamentais para a construção de relações mais empáticas e inclusivas no contexto escolar.

Entretanto, apesar de seu potencial educativo, a dança ainda enfrenta desafios para sua efetiva inserção nas aulas de Educação Física. Um dos principais entraves está relacionado às concepções limitadas sobre o seu papel na escola, muitas vezes associada exclusivamente a apresentações de festivais ou atividades extracurriculares. Essa visão reduzida e desconectada do currículo desconsidera o seu caráter pedagógico e reforça a ideia de que essa manifestação cultural ocupa um lugar secundário em comparação a temas considerados mais “centrais”, como os esportes coletivos (Diniz; Darido; Fioravanti, 2013).

Outro desafio diz respeito à formação inicial e continuada dos(as) educadores(as). Brasileiro e Sousa (2019) em estudo sobre os saberes docentes de professores(as) de Educação Física relacionados com a dança, perceberam nos relatos dos(as) entrevistados(as), insegurança e dificuldade para tematizar e problematizar essa manifestação da cultura corporal. Quando se trata de modalidades menos convencionais ou de práticas que envolvem questões culturais e identitárias mais complexas, essa dificuldade tende a ser ainda maior.

Outra crítica é quando a dança aparece nas aulas enquanto mera reprodução de coreografias prontas, sem o estímulo à criatividade nem reflexões críticas sobre significados culturais e sociais (Diniz; Darido; Fioravanti, 2013). Márcia Strazzacappa (2001) relata experiência-oficina destinada a professoras e professores na qual alguns(mas) dos(as) participantes esperavam receber “fórmulas” e “receitas” para o trabalho com dança, ou aprender alguns passos e coreografias para reproduzir com os(as) educandos(as) nas festas comemorativas da escola.

É fundamental compreender que a dança não é apenas um “espetáculo de gestos mecânicos”, é uma prática corporal que permite a expressão espontânea. Enquanto texto produzido pelo corpo, possibilita aos(às) estudantes expressarem narrativas pessoais e coletivas, explorarem diferentes possibilidades de gestos e experimentarem a sua gestualidade como uma prática corporal de expressão e denúncia, da cultura e da realidade (Cruz; Medeiros, 2020). Esse último ponto se ilustra quando



Strazzacappa (2001, p. 75) relata a afinidade de jovens e adolescentes com estilos como o hip hop, pois “simulam lutas, fazem gestos obscenos, criam na execução da coreografia grupos que se enfrentam”, em uma estratégia de ritualizar expressões da violência presente na realidade, ressignificando suas vivências em arte. Segundo Cruz e Medeiros (2020, p. 8)

O papel da dança na escola não visa formar o bailarino, ou que esteja restrita a eventos festivos, mas sim, tratá-la e vivenciá-la enquanto conteúdo da cultura corporal, ampliando a compreensão histórica e social do aluno sobre o mundo em que vive, levando em consideração suas possibilidades e habilidades corporais, capacitando-o para uma melhor compreensão do coletivo e do individual em sua totalidade.

O último desafio abordado aqui, é talvez o mais emblemático e tem relação direta com as discussões de gênero propostas até agora: a participação de meninos. O engajamento masculino no hip hop, citado acima, pode ser analisado sob as perspectivas de generificação das práticas, visto que tal estilo é advindo de culturas de rua de alta predominância masculina, caracterizado por movimentos vigorosos e de força (Ana Paula Alves; Votre, 2009), mas no geral, atividades de expressão rítmica não são apreciadas/procuradas/praticadas por meninos (Alessandra Carvalho Leite; Paula Viviane Chiés, 2023; Brasileiro; Souza, 2019) pois “transgridem o que se associa ao masculino” (Jesus; Deive, 2006).

Diretamente ligada ao preconceito contra mulheres, a homofobia também é presente nos discursos e atitudes dos(as) estudantes. Dessa forma, aqueles meninos que se aproximam das práticas corporais tidas como “femininas”, são alvo de expressões homofóbicas por outros educandos, além de sofrer preconceitos quando optam por engajar-se em atividades físicas com meninas (Rosa; Souza; Borges, 2020). Esse comportamento serve para reforçar “a masculinidade hegemônica fundamental para a constituição do se tornar homem em contraposição às feminilidades” (Rosa; Souza, Borges, 2020, p. 112).

Diversos(as) autores(as) aqui já citados, pesquisam as questões de gênero e como elas podem se articular com outras categorias, como sexualidade, por exemplo, para construir as relações entre as práticas corporais e os corpos que as praticam (Louro, 1997; Andreoli, 2010; Brito; Leite, 2017; Rosa; Souza; Borges, 2020; Brito; Pontes; Pereira, 2016; Leite; Chiés, 2023). Nas aulas de Educação Física, meninos e meninas estão em constante observação, e certas expectativas de gênero são postas sobre eles(as), dessa forma, corpos que fogem dos padrões binários e não atendem tais expectativas, ficam em evidência. Segundo Louro (1997) as aulas de Educação Física escolar se constituem também como espaço de manifestação de preocupações acerca da sexualidade dos(as) estudantes.

Meninas praticantes de esporte predominantemente masculinos, como o futsal, são pejorativamente chamadas de “mulher-macho”, taxadas de masculinizadas, e têm sua sexualidade





presumida (Rafaela Mascarin; Flavia Oliveira; Marques, 2017). De forma similar, meninos em aulas de balé clássico, por exemplo, no qual performam delicadeza ou outras características consideradas “femininas” são vistos como inferiores entre outros estudantes e associados à homossexualidade (Gabrielly Santos de Oliveira, 2025). Essa lógica binária reforça desigualdades e limita as experiências corporais dos(as) educandos(as), contribuindo para processos de exclusão, constrangimento e desmotivação.

Essas posturas preconceituosas refletem conhecimentos rasos sobre as diferenças entre gênero, sexualidade e os conceitos acabam se misturando. Indivíduos que performam atividades socialmente atribuídas ao sexo oposto, são automaticamente associados à homossexualidade. Dessa forma, faz-se necessário a desconstrução desses preconceitos para tematizar a dança de forma inclusiva, crítica, contextualizada e sensível, combatendo a perpetuação de visões estereotipadas e preconceituosas, tanto das práticas corporais quanto dos corpos que as praticam.

A HISTÓRIA DA DANÇA DO VENTRE

Antes de falar da dança do ventre enquanto tema da Educação Física escolar na desconstrução dos padrões de gênero, sentimos a necessidade de uma breve contextualização histórica desta manifestação cultural e de seus(suas) praticantes. Nos debruçamos principalmente sobre o livro “Before They Were Belly Dancers” (2015) da escritora e pesquisadora Kathleen W. Fraser, e na pesquisa de Drake Von Trapp (2023), Mestre e Bacharel em Dança, com formação em Estudos Multiculturais de Gênero e Feminismo, homem trans, professor e dançarino profissional, dos quais podemos retirar informações relevantes sobre a ancestralidade dessa prática corporal que nos permitem enriquecer a discussão.

A dança do ventre tem origens mistas, já citadas anteriormente (contextos históricos e culturais do Oriente Médio e do Norte da África), e o nome que carrega hoje é na verdade um termo “guarda-chuva” para designar múltiplas variações contemporâneas da egípcia *raqs sharqi* e de danças provenientes daquelas mesmas regiões. A sua história não será aprofundada em todos os seus sentidos, pois é bastante complexa, mas resumidamente, trata-se de uma prática corporal que teve uma construção multicultural, com contribuições de diversos povos nativos e nômades, e que foi se adaptando e adquirindo novas nuances com cada região/comunidade que a praticava (Baptista, 2018; Von Trapp, 2023).





No Egito, desde o século XVIII, foi documentada a existência de duas castas de artistas femininas: as *ghawazi* - dançarinas provenientes das classes baixas, possivelmente ciganas, que se apresentavam em lugares públicos para o povo comum do Egito - e as *awalim* - instrumentistas, cantoras e poetisas habilidosas, também de classes mais baixas, mas que constituíam parte do entretenimento da classe-alta egípcia e atuavam em ambientes particulares (Fraser, 2015; Von Trapp, 2023). Existia uma hierarquização dessas artistas com base na erudição, e em 1834, quando Maomé Ali Paxá banuiu a dança pública feminina no Egito, as únicas afetadas foram as *ghawazi*.

Nesse contexto emergem os *khawalat*, rapazes dançarinos, muçulmanos, de povos originários do Egito, que já atuavam na cena do entretenimento com as mulheres, mas que tiveram seu auge durante o banimento delas. Os *khawalat* dançavam a *raqs sharqi*, adotavam os mesmos maneirismos, vestimentas e pinturas corporais das dançarinas, e eram apreciados tanto pelas audiências egípcias femininas quanto masculinas. Havia também o termo *ginks*, empregado para designar outros dançarinos masculinos de origens étnicas não-egípcias, como turcos, judeus, armênios e gregos (Fraser, 2015; Von Trapp, 2023).

Khawalat e *ginks* se apresentavam em diversos eventos para o entretenimento e diversão do povo egípcio, no entanto, os viajantes europeus que os documentaram, frequentemente utilizaram termos pejorativos para defini-los, como “lascivos” e “insinuantes” (Fraser, 2015). Importamos o questionamento que Von Trapp (2023) traz em sua tese: eram esses dançarinos realmente vulgares e lascivos ou só eram percebidos dessa forma pelos viajantes europeus, pois não estavam em conformidade com papéis de gênero eurocêntricos?

No contexto da cultura ocidental moderna, a dança do ventre passou por processos de resignificação e, muitas vezes, de estigmatização. A partir de olhares eurocêntricos sexistas, essa manifestação da cultura corporal foi frequentemente associada à erotização do corpo feminino, por conta de seus movimentos “sensuais”, desconsiderando seus fundamentos culturais e históricos. Von Trapp (2023, p. 8) destaca que “a associação compulsória entre articulação do quadril ou da caixa torácica e sensualidade feminina é uma perspectiva eurocêntrica”, e que em várias outras culturas, tais gestos não estão associados à sensualidade, sendo experimentados por indivíduos de todas as idades e gêneros. Essa associação é resultado de construções culturais e sociais que delimitam quais corpos podem ou não se expressar por meio de determinadas gestualidades (Louro, 1992; Sousa; Altmann, 1999).





A presença de homens na *raqs sharqi*/dança do ventre parece ser uma questão contemporânea, quando na verdade, essa prática corporal em seu contexto de origem foi experimentada tanto por mulheres quanto por homens - homens estes que desapareceram no imaginário popular sobre a dança. Segundo Wendy Buonaventura (1998), no Mediterrâneo, mulheres realizavam rituais de dança cheias de “êxtase”, em homenagem à uma Deusa Mãe, nos quais evocavam beleza e fertilidade, e os movimentos e maneirismos documentados sobre essas danças ritualísticas compartilham semelhanças com a dança do ventre. Surgem então, leituras que reforçam essa manifestação cultural como prática sagrada “de mulher para mulher”, e trazem aspectos biológicos de mulheres cisgênero para se justificarem (Von Trapp, 2023), limitando a experimentação por sujeitos masculinos e/ou dissidentes de gênero/transgênero. Trata-se de uma visão inerentemente colonialista, pela forma que propõe a reimaginação de uma prática cultural não-eurocêntrica, de maneira a adequá-la aos olhares do colonizador que não se agradava com as “transgressões das normas de gênero” que permeavam tal prática (Von Trapp, 2023).

Não apenas esses homens dançarinos sofreram silenciamento. Işıl Eğrikavuk, Márcia Donadel e Andréa Moraes (2021, p. 163) destacam como perspectivas eurocêntricas cooperaram com a desvalorização da dança do ventre e o deslocamento dos sentidos originais desta prática corporal para categorizá-la como “algo de baixa cultura, sem virtude e banal” e “um prazer sexual para o olhar dos homens”, reprimindo a energia feminina envolvida e vulgarizando as dançarinas.

Por outro lado, movimentos feministas ressignificaram a dança do ventre contemporânea enquanto uma prática sagrada de libertação de seus corpos, baseadas nestes mesmos rituais ancestrais que empregavam a dança como forma de adoração às divindades femininas. Essa vertente da prática vai ao contrário da estereotipada “dança do ventre espetáculo”, na qual a mulher dançarina é vista como um produto midiático que deve entrar em conformidade com padrões estéticos para agrado de um público masculino, se reconfigurando enquanto um espaço de autoconhecimento, autoestima e celebração do feminino (Marília Balbi Silveira, 2019).

Portanto, abordar a dança do ventre unicamente pelo senso comum, reforça interpretações estereotipadas, ignora todo o seu contexto histórico, e as diferentes ressignificações dessa prática, promovendo exclusões e o pensamento de que apenas mulheres cisgênero que se enquadram em padrões estéticos eurocêntricos, podem praticá-la.





A DANÇA DO VENTRE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES DE GÊNERO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

A partir da contextualização realizada anteriormente, compreendemos que a dança do ventre constitui-se como uma prática corporal de relevância histórica, simbólica e cultural, cuja compreensão ultrapassa as interpretações simplificadas e estereotipadas frequentemente difundidas no senso comum, logo, resumi-la à uma dança exótica, sensual e destinada ao olhar masculino é desconsiderar seus atravessamentos históricos, culturais e políticos. A Educação Física, enquanto área do conhecimento que trabalha diretamente com a corporeidade, não pode se eximir da responsabilidade de discutir criticamente as questões de gênero, identidade, diversidade cultural e inclusão. Pelo contrário, deve assumir um compromisso pedagógico com a desconstrução de estereótipos e a valorização de diferentes formas de expressão corporal.

Conforme problematiza Silveira (2019), ao longo de sua inserção no mercado do *showbusiness*, a dança do ventre passou por processos de mercantilização que deslocaram seus sentidos ancestrais e coletivos, subordinando a prática a padrões corporais rígidos e à objetificação do corpo feminino. A mídia teve grande papel na propagação da imagem da odalisca, bela, seduzente, voluptuosa, por diversas vezes seminua, definindo-a assim como “o” corpo que pratica dança do ventre (Silveira, 2019; Eğrikavuk; Donadel; Moraes, 2021).

Acompanhando o recente movimento de repensar práticas político-pedagógicas, cabe às aulas de Educação Física resgatar a dança do ventre sob a perspectiva de uma prática corporal legítima e acessível a todos os corpos, independentemente de gênero, idade, biotipo, etc., destacando seus potenciais educativos, expressivos e formativos, na perspectiva de fortalecer a construção de ambientes educacionais mais inclusivos. Tal movimento torna-se ainda mais necessário diante da forma como a dança do ventre, uma prática corporal historicamente feminilizada, de expressão corporal não alinhada aos padrões culturais hegemônicos, foi marginalizada, sexualizada e banalizada (Eğrikavuk; Donadel, Moraes, 2021), refletindo diretamente nos espaços institucionais e escolares.

Ao inserir criticamente essa prática corporal na escola, rompe-se não apenas com hierarquias corporais, mas também com mecanismos históricos de silenciamento e controle dos corpos, frequentemente regulados por normas patriarcais e cis-heteronormativas. Silveira (2019) comenta como a dança do ventre passou pelo olhar de homens que a registravam e traduziam do oriente para o ocidente,





e assim perdeu parte de seus sentidos e significados e foi adequada a outros contextos, dinâmica parecida ao que aconteceu com as artes marciais e yoga.

A vivência dessa manifestação cultural pode favorecer a ampliação da participação dos(as) estudantes, especialmente daqueles(as) que se sentem excluídos(as) em práticas corporais tradicionalmente esportivizadas. Ao deslocar o foco do rendimento, da performance e da competitividade exacerbada, para valorizar a expressão, a cultura, a percepção corporal e o respeito aos limites individuais, cria-se um ambiente pedagógico mais acolhedor, no qual diferentes corpos e habilidades são reconhecidos e valorizados. Contrapondo-se, assim, diretamente à lógica mercadológica denunciada por Silveira (2019), na qual o corpo da bailarina é constantemente vigiado, avaliado e moldado segundo exigências estéticas. Assim, a escola pode constituir-se como espaço de resistência às imposições, promovendo práticas corporais pautadas na valorização da pluralidade dos corpos e no reconhecimento das singularidades dos(as) estudantes em desafio às normas tradicionais, criando oportunidades para que todos(as) experimentem novas formas de gestualidades e expressões.

Práticas corporais de origem não ocidental ou associadas a grupos historicamente marginalizados tendem a ocupar posições secundárias nos currículos escolares (Vago, 2022). A própria produção histórica e acadêmica sobre a dança do ventre foi marcada por perspectivas orientalistas e ocidentalizadas, que frequentemente reduziram a prática a uma imagem exótica, sexualizada e inferiorizada (Eğrikavuk; Donadel; Moraes, 2021). Ao reconhecer danças de diferentes matrizes culturais para além do estereótipo e da marginalização, a escola rompe com perspectivas eurocêntricas e amplia o repertório cultural dos(as) estudantes. Essa ampliação favorece o reconhecimento da pluralidade de saberes e práticas presentes na sociedade, contribuindo para a construção de uma educação mais democrática e comprometida a combater toda e qualquer forma de exclusão, ampliando a leitura de mundo dos(as) educandos(as) (Valdilene Aline Nogueira; Maldonado; Elisabete dos Santos Freire, 2023).

A dança do ventre é uma prática corporal híbrida, que ao longo de sua história e difusão, absorveu características e significados referentes às culturas pelas quais perpassou, incorporando tudo ao seu estilo, mas mantendo fortes relações com suas culturas de origem (Baptista, 2018). No cenário contemporâneo, podemos “chamá-la no plural como dinâmicas da cena, de muitos povos e muitas culturas” (Ana Clara Santos Oliveira, 2023, p. 72), promovendo o reconhecimento da diversidade, o respeito às diferenças. Essa pluralidade também evidencia que não existe uma única forma legítima de experienciar ou interpretar a dança do ventre, pelo contrário, seus sentidos são atravessados por disputas





culturais, políticas e de gênero. Enquanto determinados contextos reforçam sua apropriação comercial e sexualizada, outros movimentos feministas buscam resgatar suas dimensões ancestrais, espirituais, coletivas e emancipadoras, compreendendo a dança como possibilidade de reconexão com o corpo e de fortalecimento das identidades femininas (Eğrikavuk; Donadel; Moraes, 2021).

À vista dessa realidade, a dança do ventre, ao ser trabalhada de forma crítica e pedagógica, pode atuar como instrumento de questionamento das convenções sociais, ampliando as formas de vivenciar o corpo e a gestualidade humana no espaço escolar, pois carrega diversos estigmas relacionados à feminilidade, e sexualização do corpo, que refletia também nos homens que a praticavam (Von Trapp, 2023), tornando-se assim uma manifestação cultural estratégica para provocar reflexões críticas no contexto educacional. Além de evidenciar os processos de silenciamento de grupos minoritários e as disputas políticas e culturais, quando inserida no currículo da Educação Física, essa dança permite problematizar concepções naturalizadas sobre gênero, enfatizando que nenhuma prática corporal é inerentemente masculina ou feminina, e que, assim como as identidades de gênero, tais conceitos são construídos cultural e socialmente.

A abordagem desses temas na escola é extremamente relevante, pois de acordo com Silva e Villegas (2022, p. 12)

há uma fragilidade no contexto escolar no tocante à pouca abordagem sobre gênero, sexualidade e todas as ramificações que se apresentam na cena escolar que provém desses temas, e que frequentemente se manifestam em um contexto discriminatório, sendo por vezes, censurado.

Essa ausência de debate favorece a permanência de discursos estigmatizantes e discriminatórios, fazendo com que determinadas práticas corporais continuem sendo associadas à promiscuidade, à fragilidade ou à inadequação moral. Silveira (2019) evidencia que bailarinas de dança do ventre frequentemente sofrem processos de objetificação, preconceito e deslegitimação social, sendo muitas vezes associadas à prostituição ou reduzidas à dimensão erótica de seus corpos. Tais estigmas demonstram como determinadas corporalidades femininas seguem sendo socialmente controladas e moralizadas, reforçando a necessidade de que a escola promova espaços de reflexão crítica sobre gênero, sexualidade, corpo e cultura.

Dessa forma, a inserção contextualizada e crítica da dança do ventre nas aulas de Educação Física escolar articulada às questões de gênero e sexualidade, representa uma possibilidade pedagógica potente para a desconstrução de machismos, sexismos e padrões cis-heteronormativos historicamente consolidados nas práticas corporais. A sua contextualização histórica nos permite resgatar aspectos dessa





manifestação cultural e de seus(suas) praticantes ancestrais, compreendendo que a generificação da gestualidade humana não é natural e que o senso comum não “surge do nada”, mas é construído, principalmente sob influência das concepções e crenças de grupos dominantes (Andreoli, 2010), nesse caso ocidentais e de homens cishetero.

É mais do que simplesmente inserir uma nova dança nas aulas de Educação Física, trata-se de questionar os próprios critérios que historicamente legitimaram algumas práticas corporais em detrimento de outras, compreender que os currículos são atravessados por relações de poder, gênero e colonialidade e confrontá-las. Nesse cenário, a dança do ventre emerge como possibilidade contra hegemônica de valorização de saberes corporais historicamente marginalizados.

A dança do ventre é um texto produzido pela linguagem corporal, logo, está sujeita à múltiplas leituras, a depender de quem lê. Sua inserção nas aulas de Educação Física precisa acontecer de forma que subverta o que o senso comum compreende sobre a prática corporal, problematizando as representações disseminadas e permitindo que os(as) estudantes ressignifiquem os seus saberes, como defende Neira e Nunes (2022). Sendo assim, o(a) educador(a) precisa atuar de forma crítica, promovendo discussões, problematizações, experimentação e reflexões sobre gênero, corpo e diversidade, de modo a transformar a prática corporal em objeto de conhecimento e reflexão. Para isso, torna-se necessário investir na formação inicial e continuada dos(as) docentes, capacitando-os para lidar com temas sensíveis e contemporâneos no âmbito da Educação Física.

Percebendo a dança do ventre sob uma lógica cultural, podemos compreendê-la como uma prática corporal que articula corpo, cultura e identidade, promovendo aprendizagens que extrapolam o domínio motor. Ao vivenciar essa dança, os(as) estudantes têm a oportunidade de refletir sobre seus próprios corpos, as normas sociais que regulam a gestualidade e a importância do respeito às diferenças. Essa experiência contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar padrões impostos e de valorizar a diversidade cultural e corporal.

Assim, a sua inserção como tema da Educação Física escolar revela-se uma estratégia pedagógica significativa para a desconstrução de padrões de gênero e a valorização de manifestações da cultura corporal marginalizadas. Ao ser problematizada de forma contextualizada, reflexiva e inclusiva, essa prática corporal amplia as possibilidades educativas da disciplina, fortalece o compromisso da Educação Física com a formação integral dos(as) estudantes e contribui para a construção de um ambiente escolar mais justo, plural e respeitoso.





Trabalhar pedagogicamente a dança do ventre significa também questionar as narrativas sobre quais corpos podem ocupar o espaço da Educação Física escolar, quais expressões corporais são consideradas legítimas e quais culturas merecem reconhecimento no currículo. Trata-se, portanto, de uma ação pedagógica que ultrapassa o ensino técnico da dança e assume um compromisso ético e político com a valorização da diversidade, com o enfrentamento das desigualdades e com a construção de práticas educativas mais democráticas e inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise teórica evidenciou que a Educação Física, enquanto componente curricular da Educação Básica, possui um papel fundamental na formação integral dos(as) educandos(as). Nesse sentido, o conceito de cultura corporal mostrou-se central para a ampliação do repertório pedagógico da disciplina, ao reconhecer as práticas corporais como produções culturais carregadas de significados históricos, sociais e simbólicos.

As discussões acerca do corpo e do gênero permitiram compreender que os estereótipos presentes nas aulas de Educação Física não são naturais, mas socialmente construídos e reproduzidos ao longo do tempo. A associação de determinadas práticas corporais a um gênero específico contribui para processos de exclusão, hierarquização e desvalorização de corpos que não se adequam aos padrões normativos. Dessa forma, torna-se necessário que a Educação Física escolar assuma uma postura crítica e reflexiva frente às questões de gênero, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas.

A dança do ventre, ao ser analisada como tema da Educação Física escolar, revelou-se uma manifestação cultural potente para o enfrentamento dessas questões. Quando problematizada de forma contextualizada, crítica e pedagógica, possibilita ampliar as formas de expressão da gestualidade humana, valorizar diferentes culturas e questionar concepções tradicionais sobre feminilidade, masculinidade e corpo. Sua inserção no ambiente escolar contribui para a construção de um espaço educativo mais democrático, no qual todos(as) os(as) estudantes possam vivenciar a gestualidade de maneira respeitosa, sem preconceitos ou limitações impostas por normas de gênero hegemônicas.

Além disso, as discussões apontam a importância do papel do(a) professor(a) como mediador(a) desse processo. A atuação docente é fundamental para garantir que a dança do ventre não seja abordada de forma estereotipada ou superficial, mas sim como um objeto de conhecimento que articula corpo, história, cultura, território, identidade e diversidade, desconstruindo a visão sexualizada





dessa manifestação cultural a partir de análises críticas de textos, vídeos ou imagens, estimulando a vivência da sua gestualidade sem cobrar coreografias performáticas e, por fim, mapeando o território da instituição escolar na tentativa de encontrar representantes dessa prática corporal que possam propor vivências e reflexões sobre a temática. Para isso, destaca-se a necessidade de investimentos na formação inicial e continuada dos(as) professores(as) de Educação Física, de modo que estejam preparados(as) para lidar com temas contemporâneos, como gênero e diversidade cultural, de forma ética e fundamentada teoricamente.

Conclui-se, portanto, que a dança do ventre pode e deve ser reconhecida como uma prática corporal legítima no currículo da Educação Física escolar, contribuindo para a superação de modelos tradicionais e a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e plural. Ao valorizar diferentes práticas corporais e questionar padrões normativos, a Educação Física fortalece seu compromisso social e educativo, colaborando para a formação de sujeitos mais conscientes, respeitosos e sensíveis à diversidade. Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões dessa prática no campo da Educação Física, incentivando novas pesquisas e práticas pedagógicas que promovam a equidade, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista de estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-16, 2018.

ALVES, Ana Paula; VOTRE, Sebastião. A presença feminina no movimento hip hop: a construção da autoidentidade a partir do breakdance. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3. **Anais...** Salvador, BA: CBCE, 2009.

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sensualidade: um olhar cultural. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 15, n. 1, p. 107-118, 2010.

BAPTISTA, Thais da Silva. **A dança do ventre: movimento e expressão**. 2018. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2018.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.





BRASILEIRO, Livia Tenório; SOUZA, Ana Aparecida Almeida de. Saberes docentes de professoras de educação física sobre o conteúdo dança. **Motrivivência**, v. 31, n. 59, p. 1-18, 2019.

BRITO, Leandro Teofilo de; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis educativa**, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

BRITO, Leandro de Teofilo; PONTES, Vanessa Silva; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Masculinidades queer no voleibol. **Textura**, v. 18, n. 38, p. 178-194. 2016.

BUONAVENTURA, Wendy. **Serpent of the Nile: women and dance in the arab world**. New York: Interlink, 1998.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista espaço do currículo**, v. 13, n. esp., p. 678-686, 2020.

CRUZ, Marlon Messias Santana; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. Educação física e dança: proposições e possibilidades na escola. **Cenas educacionais**, v. 3, p. e7023-e7023, 2020.

DINIZ, Irla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina; FIORAVANTI, Cinthia Andressa Araújo. Dança e pluralidade cultural: possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. **Arquivos em movimento**, v. 9, n. 2, p. 85-101, 2013.

EĞRIKAVUK, Işıl; DONADEL, Márcia; MORAES, Andréa. Olhando para a Dança do ventre como uma possibilidade feminista: olhar, gênero e espaço público em Istambul. **Revista Cena**, n. 33 p. 155-166, 2021.

FERREIRA, Aline Fernanda *et al.* Secondary education student bodily practices: implications of gender in and outside physical education classes. **Motriz**, v. 22, p. 72-83, 2016.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; BRITO, Leandro Teofilo de. Por uma perspectiva inclusiva na Educação Física escolar. In: CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI André dos Santos Souza (Org.). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói, RJ: Intertexto, 2022.

FRASER, Kathleen W. **Before they were belly dancers: european accounts of female entertainers in Egypt, 1760-1870**. Jefferson, USA: McFarland, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação da RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

GRZESIKOWSKA, Honorata; JASKULSKA, Ewelina. **Do you know what these graphs represent? Gender-segregated graphs that underscore substantial disparities in the #spatial behavior of boys [...]**. LinkedIn, 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/posts/honorata_spatial-schoolyards-gender-activity>





7158781055913603072-

yDGf?utm_source=social_share_send&utm_medium=member_desktop_web&rcm=ACoAAFX5XYBNyLQpYc4i10sZQSRhGYO1aEMUZU>. Acesso em: 1 mai. 2026.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006.

KUSSUNOKI, Sandra Aparecida Queiroz; AGUIAR, Carmen Maria. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 708-712, 2009.

LEITE, Alessandra Carvalho; CHIÉS, Paula Viviane. Meninos e meninas à bailar! A percepção de professores e professoras de educação física sobre a generificação e sexismo das práticas esportivas nas escolas. **Revista Form@re - Parfor/UFPI**, v. 11, n. 1, p. 20-30, 2023.

LIMA, Marcelo Ferreira; MÜLLER, Arthur. A dança “vogue” e o debate de gênero no Ensino Médio. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Escrevivências da educação física cultural**. São Paulo: FEUSP, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; OLIVEIRA, Flávia Volta Cortes de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal. **Fluxos & riscos**, v. 2, n. 1, p. 83-96, 2017.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Epistemologia e didática do currículo cultural da educação física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de educação popular**, n. ed. esp., p. 296-319, 2023.

OLIVEIRA, Ana Clara Santos. **Danças de nós**: da dança do ventre à dança tribal entre pistas e reflexões de uma arte cênica em fluxo. 2023. 284f. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2023

OLIVEIRA, Camilly dos Santos; MALDONADO, Daniel Teixeira. Tematização e problematização das danças nas aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva inclusiva e contra hegemônica. **Cadernos do Aplicação**, v. 38, p. 1-24, 2025.

OLIVEIRA, Gabrielly Santos de. **Dança e masculinidade**: a invisibilidade dos meninos em aulas de ballet na escola. 2025. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE, 2025.

ROSA, Marcelo Victor da; SOUZA, Marizete de Oliveira; BORGES, Andrey Monteiro Preconceito contra a mulher na Educação Física escolar no nono ano. **Práxis**, v. 1, p. 102-117, 2020.





SANTOS, Luiz Alberto; NUNES, Hugo César Bueno. "Riscando a faca" no Raimundo Correia. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari; LIMA, Maria Emilia (Orgs.). **Educação física e culturas**: ensaios sobre a prática. V. 2. São Paulo: FEUSP, 2014.

SANTOS, Ivan Luis dos; NEIRA, Marcos Garcia. A tematização no currículo cultural da Educação Física. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Epistemologia e didática do currículo cultural da educação física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, n. 19, p. 1-6, 2002.

SILVA, Bruna Mayra Monteiro da. **Gênero e educação física**: Um estudo sobre as práticas corporais mistas. 2024. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2024.

SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Masculinities and sport: the emphasis on hegemonic masculinity in Portuguese physical education classes. **International journal of qualitative studies in education**, v. 25, n. 3, p. 269-291, 2012.

SILVA, Dorgival Bezerra da; VILLEGAS, María Margarita. Reflexões sobre o gênero masculino na dança escolar: um breve estado do conhecimento. Práticas educativas, memórias e oralidades - **Revista Pemo**, v. 4, p. 1-18, 2022.

SILVEIRA, Marília Balbi. **Prática corporal, gênero e feminismo**: a dança do ventre como lócus de pensamento, ação e reflexão. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 53, p. 69-83, 2001.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma polifonia da educação física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 25, p. xx-xx, 2022.

VON TRAPP, Draconis G. **From bal anat to Hahbi'ru**: an oral history of John Compton, american male belly dancer. 2023. 200f. Thesis (Graduate School of the Texas Woman's). Texas Woman's University, Denton, Texas, USA, 2023.





Bruno Zem dos Reis

<http://lattes.cnpq.br/9846096965302386>

<https://orcid.org/0009-0004-0250-8884>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Jacareí, SP – Brasil)

brunozemdosreis@hotmail.com

Daniel Teixeira Maldonado

<http://lattes.cnpq.br/5911977104843227>

<https://orcid.org/0000-0002-0420-6490>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Jacareí, SP – Brasil)

danielmaldonado@yahoo.com.br

Christiane Garcia Macedo

<http://lattes.cnpq.br/0872217208171466>

<https://orcid.org/0000-0002-3760-3951>

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG – Brasil)

chrismacedo@gmail.com

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autor 2: orientação do projeto de pesquisa; escrita conjunta do texto; revisão final do manuscrito.

Autora 3: escrita conjunta do texto; revisão final do manuscrito.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.





COMO CITAR ESTE ARTIGO

REIS, Bruno Zem dos; MALDONADO, Daniel Teixeira; MACEDO, Christiane Garcia. A dança do ventre na educação física escolar: desconstrução de padrões de gênero e valorização da diversidade cultural. *Corpoconsciência*, v. 30, e21753, p. 1-24, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e21753>.

Recebido em: 13/06/2026

Aprovado em: 31/07/2026

Publicado em: 06/08/2026

